



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE DIREITO, NEGÓCIOS E COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO**

GIOVANA CECÍLIA DE SOUZA OLIVEIRA

**POR TRÁS DOS ACORDES: HISTÓRIA DE MÚSICA E VIDA
A ROTINA E OS DESAFIOS DOS MÚSICOS DE APOIO
NA INDÚSTRIA SERTANEJA**

**GOIÂNIA
2024**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE DIREITO, NEGÓCIOS E COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO**

**POR TRÁS DOS ACORDES: HISTÓRIA DE MÚSICA E VIDA
A ROTINA E OS DESAFIOS DOS MÚSICOS DE APOIO
NA INDÚSTRIA SERTANEJA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Pontifícia Universidade Católica de Goiás como requisito final para a conclusão do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, orientado pelo Professor Me. Enzo De Lisita.

**GOIÂNIA
2024**

GIOVANA CECÍLIA DE SOUZA OLIVEIRA

Produto Filme Documentário apresentado como Trabalho de Concluso do Curso de Graduação em Jornalismo à Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Escola de Direito, Negócios e Comunicação, sob orientação do Prof. Me. Enzo De Lisita.

Data de defesa: 09 de dezembro de 2024.

Resultado:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Enzo De Lisita - Orientador

Prof. Dr. Luiz Antônio Signates – Convidado

Prof. Dra. Bernadete Coelho - Convidada

**GOIÂNIA
2024**

“O universo tem um plano, e ele está sempre acontecendo. [...] Cada pequena peça da máquina trabalha para que você acabe exatamente onde deveria estar, no lugar certo, na hora certa”.

Ted Mosby, How I Met Your Mother

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à memória da minha avó Maria Gonçalves, que me ensinou a ser forte diante das adversidades, e ao meu primo “Dudu”, que sonhava em ser jornalista. Mesmo não estando aqui para compartilhar este momento, sinto que ao realizar o sonho dele, levo comigo a essência de tudo o que eles significaram na minha vida.

AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho, antes de tudo, a Deus, que nunca me deixou desistir mesmo nos momentos mais difíceis, guiando meus passos para que eu pudesse chegar até aqui. Aos meus pais, Jerônimo e Graziela, e à minha madrinha, Elza, dedico toda a gratidão que as palavras podem expressar. Sei que jamais poderei retribuir à altura tudo o que fizeram, mas cada esforço de vocês foi honrado nesta caminhada.

À minha tia Maria, minha avó Clélia e aos meus tios Léo e José Rezende, que sempre acreditaram no meu potencial e me ensinaram a importância de nunca desistir. Ao meu irmão Yuri, que presenciou cada angústia, e até alguns surtos ao longo desses 4 anos e pelos lanches deliciosos que salvaram meus dias. Tudo o que sou e conquistei é reflexo do apoio e dedicação de vocês.

Estar longe de casa foi um dos maiores desafios que enfrentei, mesmo estando relativamente perto, especialmente por sentir a falta de todos que amo e estar longe do abraço que sempre me confortou, incluindo meus fiéis companheiros de quatro patas: Toshi, Pandora e Panterinha.

Aos amigos de faculdade, Ana Beatriz, Ceci, Tatá e Thiago, minha imensa gratidão pelas risadas nos dias difíceis, apoio nas horas incertas, parceria e por estarem sempre dispostos a ajudar. Sem vocês, tudo teria sido muito mais árduo.

Às minhas melhores amigas, Dani e Robertinha, que, mesmo de longe, estiveram sempre presentes com palavras de incentivo quando mais precisei. Vocês tornam qualquer situação mais leve e mais alegre, e sou muito grata por tê-las na minha vida.

Ao Zezo, que entrou “com o bonde andando”, mas trouxe alegria, incentivo e cuidado que foram fundamentais para que eu conseguisse encarar os momentos mais desafiadores com leveza e confiança, fazendo com que os dias difíceis se tornassem suportáveis.

Agradeço também aos meus futuros colegas de profissão, que conheci durante o estágio, em especial à minha coordenadora Monique Arruda, que foi como uma mãe, sempre pronta a me aconselhar e apoiar durante minha passagem pela Secretaria de Estado da Saúde.

A todos professores que compartilharam seus ensinamentos com dedicação, especialmente ao meu orientador Enzo De Lisita, cuja experiência, paciência e incentivo foram fundamentais para a conclusão deste documentário.

E claro, às fontes que gentilmente participaram deste documentário, agradeço por confiarem em mim e por contribuírem de forma tão significativa para a realização deste projeto. Sem vocês, não seria possível.

Resumo

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) aborda a invisibilidade dos músicos de apoio na indústria musical brasileira, evidenciando os desafios emocionais e profissionais enfrentados por esses artistas, especialmente com o agravamento de suas condições pela pandemia de Covid-19. No Capítulo I, são analisados o papel histórico e cultural da música no Brasil, com destaque para o gênero sertanejo, além dos impactos econômicos e sociais causados pela pandemia. O Capítulo II (Definição de Documentário) explora o conceito, os diferentes formatos e os aspectos éticos do documentário, contextualizando sua relação com o jornalismo e o cinema. Já o Capítulo III (Diário de Bordo) apresenta as etapas do desenvolvimento do projeto, desde a escolha do tema até os desafios encontrados durante a execução do trabalho, incluindo a elaboração do roteiro e a produção teórica do documentário. Os resultados alcançados incluem a criação de um documentário que expõe as condições enfrentadas por esses profissionais, promovendo uma reflexão sobre sua invisibilidade na indústria musical. O filme visa sensibilizar o público sobre a relevância desses músicos e os impactos emocionais e profissionais que sofreram, especialmente devido à pandemia.

Palavras-chave: Músicos de apoio; Invisibilidade; Documentário; Pandemia; Sertanejo.

Abstract

This Course Completion Work (TCC) addresses the invisibility of supporting musicians in the Brazilian music industry, highlighting the emotional and professional challenges faced by these artists, especially worsened by the Covid-19 pandemic. Chapter I, analyzes the historical and cultural role of music in Brazil, focusing on the sertanejo genre, as well as the economic and social impacts caused by the pandemic. Chapter II (Definition of Documentary) explores the concept, various formats, and ethical aspects of documentaries, contextualizing their relationship with journalism and cinema. Chapter III (Logbook) details the project development stages, from theme selection to the challenges encountered during the execution, including the script creation and theoretical production of the documentary. The results achieved include the creation of a documentary that exposes the conditions faced by these professionals, promoting reflection on their invisibility in the music industry. The film aims to raise awareness among the public about the relevance of these musicians and the emotional and professional impacts they have suffered, especially due to the pandemic.

Keywords: Supporting musicians; Invisibility; Documentary; Pandemic; Sertanejo.

SIGLAS

ABRAMUS Associação Brasileira de Música e Artes

FMCB Festival de Música Contemporânea Brasileira

OMS Organização Mundial de Saúde

UBC União Brasileira de Compositores

XVIII Século 18

XIX Século 19

XX Século 20

SUMÁRIO

RESUMO.....	8
SIGLAS.....	9
INTRODUÇÃO.....	11
1 HISTÓRIA DA MÚSICA.....	12
1.1 MÚSICA NO BRASIL.....	13
1.2 SURGIMENTO DA MÚSICA SERTANEJA.....	15
1.2.1 Goiás, berço do sertanejo.....	16
1.2.1.1 Patrimônio cultural goiano.....	17
1.2.2 Formação da banda sertaneja: características e definições principais.....	18
1.3 DESAFIOS EMOCIONAIS DOS MÚSICOS.....	19
1.3.1 Impacto da pandemia na renda dos músicos.....	21
2 DEFINIÇÃO DE DOCUMENTÁRIO.....	23
2.1 DOCUMENTÁRIO E FICÇÃO.....	24
2.2 A ÉTICA NO DOCUMENTÁRIO.....	26
2.3 DOCUMENTÁRIO E JORNALISMO.....	27
2.3.1 Linguagem.....	28
2.4 TIPOS E FORMATOS.....	29
2.4.1 Formatos.....	30
2.5 DOCUMENTÁRIO NO BRASIL.....	31
2.6 CONSTRUÇÃO.....	33
3 DIÁRIO DE BORDO.....	36
3.1 TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO I.....	36
3.2 TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO.....	37
3.3 DESCRIÇÃO DO PRODUTO.....	39
CONSIDERAÇÕES.....	41
REFERÊNCIAS.....	43
APÊNDICE I – ROTEIRO	4

INTRODUÇÃO

A música está presente em diferentes momentos do dia a dia, desempenhando um papel central na vida dos brasileiros servindo como um canal de conexão, expressão e pertencimento. Segundo uma pesquisa divulgada pela ABRAMUS¹ e realizada pela Opinion Box, quase 80% dos brasileiros ouvem música diariamente, seja ao arrumar a casa, no trânsito ou em momentos de lazer. Apesar desse consumo massivo, apenas 47% da população investe financeiramente em música, e a maioria gasta até R\$50 por mês. Entre os estilos mais populares estão o Pop, Sertanejo e MPB, enquanto o Funk tem menor aceitação entre os ouvintes.

No entanto, nem todos os músicos que fazem parte desse universo compartilham igualmente dos holofotes e do reconhecimento. Para muitos músicos de apoio, que acompanham grandes artistas em palcos e turnês, o anonimato é parte de sua rotina. Mesmo sendo essenciais para a criação e execução de performances ao vivo, esses profissionais muitas vezes ficam à margem da visibilidade e da valorização que seus talentos e esforços merecem.

A escolha deste tema surge da necessidade de dar voz àqueles que apesar de estarem nos grandes palcos, permanecem invisíveis ao público. Através deste documentário, a rotina dos músicos de apoio será explorada, revelando os desafios emocionais e profissionais que enfrentam. Em paralelo, o documentário busca destacar o papel crucial que esses músicos desempenham na indústria musical, sustentando o espetáculo que o público consome diariamente.

Além de seu aspecto prático, a presença desses músicos de apoio carrega um significado simbólico importante. Ela representa a contribuição muitas vezes ignorada de profissionais que, mesmo longe dos holofotes, moldam o cenário musical. Ao trazer à tona suas histórias, o documentário **Por Trás dos Acordes: história de música e vida**, visa promover uma reflexão sobre o valor desses músicos e a relevância de seu papel na criação de experiências musicais completas e memoráveis.

¹ Disponível em: <https://www.abramus.org.br/noticias/16444/consumo-de-musica-no-brasil/>. Acesso em: 25 nov. 2024.

1 HISTÓRIA DA MÚSICA

Segundo o portal Música Br², a música é uma forma de expressão artística que acompanha a humanidade desde tempos remotos, sendo uma das práticas culturais mais antigas. Inicialmente, a música estava entrelaçada a rituais religiosos e celebrações sociais, servindo como uma maneira de transmitir histórias e emoções. Os primeiros instrumentos encontrados, como flautas de osso, datam de mais de 40.000 anos e indicam a relevância da música no cotidiano dos povos antigos.

Conforme explica o artigo *Música e Magia na Filosofia grega antiga*, na Grécia Antiga, a música era considerada uma ciência e estava intrinsecamente ligada à matemática e à filosofia. Pitágoras, por exemplo, acreditava que a música tinha um poder harmonizador sobre a alma e o corpo, sendo parte fundamental da educação dos cidadãos gregos. Durante a Idade Média, a Igreja Católica exerceu uma grande influência sobre a música ocidental, estabelecendo o canto gregoriano como a forma predominante de música sacra.

Com o Renascimento, a música passou por um período de intensa transformação, caracterizado pelo florescimento da polifonia e pela redescoberta dos valores clássicos. Compositores como Josquin des Prez elevaram a complexidade técnica e a beleza estética da música. O período barroco, que se seguiu, trouxe uma musicalidade ainda mais elaborada, com o uso de instrumentos como o violino e o cravo, além do desenvolvimento da harmonia tonal.

De acordo com o conteúdo publicado pelo Jornalismo Júnior³, no século XVIII, o classicismo, com figuras como Mozart e Haydn, enfatizou a clareza formal e a melodia. O romantismo, que emergiu logo após, expandiu a expressividade da música, destacando a emoção e a individualidade dos compositores. Nesse contexto, a música deixou de ser exclusivamente um produto da elite e começou a se democratizar.

² Disponível em:

<https://www.musicabr.com.br/a-musica-como-expressao-artistica-uma-reflexao-filosofica/>. Acesso em: 25 nov. 2024.

³ Disponível em:

<https://jornalismojunior.com.br/a-musica-como-manifestacao-cultural-e-sua-massificacao/>. Acesso em: 25 nov. 2024.

O século XX trouxe mudanças drásticas na música, acompanhando transformações sociais, políticas e tecnológicas. O jazz, com raízes nas comunidades afro-americanas, marcou o início do século como uma forma de improvisação e liberdade musical, dando origem a subgêneros como o bebop e o cool jazz.

Na década de 1950, o rock and roll emergiu como um fenômeno global, influenciando a cultura jovem e desafiando normas sociais com artistas como Elvis Presley e Chuck Berry. A popularização de tecnologias como o rádio e o disco de vinil transformou a produção e o consumo musical, consolidando a música como parte essencial da cultura popular e tornando-se uma indústria, com gravadoras investindo em artistas e promovendo suas músicas em larga escala.

Com a chegada dos anos 1960 e 1970, o rock evoluiu, surgindo estilos como o rock psicodélico e o punk rock, que questionavam os valores estabelecidos. Neste contexto, a música também se tornou um veículo de protesto, refletindo as lutas sociais e políticas da época. Bandas como The Beatles e The Rolling Stones se tornaram ícones culturais, e suas músicas abordavam temas que ressoavam com as inquietações da sociedade.

O século XX foi um período de inovação musical sem precedentes, onde a tecnologia e a criatividade dos compositores transformaram o panorama sonoro global. Esse período também viu o surgimento de gêneros como a música eletrônica, que se tornou proeminente nas décadas de 1980 e 1990, com o advento de novos instrumentos e softwares de produção musical. (Taruskin, 2009, p. 273).

A partir dos anos 2000, a música digital revolucionou a forma como os artistas e ouvintes interagem. Ainda segundo o Música Br, plataformas de streaming mudaram a distribuição e o consumo de música, permitindo que artistas independentes alcançassem um público global sem a necessidade de grandes gravadoras.

1.1 MÚSICA NO BRASIL

Desde o período colonial até a contemporaneidade, a música brasileira passou por profundas transformações, influenciada por uma diversidade de estilos e

ritmos. Durante os primeiros séculos, as expressões sonoras foram fortemente influenciadas pela tradição portuguesa, pelas práticas culturais africanas trazidas pelos escravizados e pelas manifestações dos povos indígenas. Nas comunidades afro-brasileiras, surgiram formas de expressão que se tornaram símbolos de resistência e identidade.

No século XIX, surgiram gêneros que se tornaram representativos da cultura brasileira, como o choro e a modinha. O choro é uma forma instrumental que combina elementos de improvisação e influências europeias. Segundo Tinhorão, em *Pequena História da Música Popular*, o choro é um dos primeiros estilos musicais brasileiros de caráter urbano e tem uma forte base de improvisação. A modinha, por sua vez, era uma canção lírica popular entre as classes altas do Brasil colonial e tinha temas principalmente românticos.

Já no século XX, novos estilos começaram a emergir, com destaque para o samba, que se tornou um dos principais símbolos culturais do Brasil. Segundo Roberto Moura, o samba ganhou destaque nas comunidades afro-brasileiras do Rio de Janeiro, refletindo as realidades sociais da época. Além de abordar temas da vida cotidiana, o samba promove a identidade afro-brasileira, sendo uma importante ferramenta de resistência cultural.

Nenhum pesquisador do início do século percebeu que a comunidade negra, instalada no Centro da cidade do Rio de Janeiro, criava, mais do que um gênero, uma cultura musical. (Cabral, 1996., p. 133).

A partir da década de 1980, o sertanejo começou a se popularizar, inicialmente como música caipira, e passou a incorporar elementos da música pop. Artistas como Chitãozinho e Xororó, Zezé Di Camargo e Luciano, ajudaram a trazer o gênero para o cenário nacional, com letras que abordam temas românticos e a vida no campo. José Miguel Wisnik, no seu livro *O Som e o Sentido (1989)*, destaca que o sertanejo evoluiu de um canto da roça para um fenômeno de massa que dialoga com o cotidiano urbano.

Atualmente, a música brasileira continua a evoluir, contendo mudanças sociais e culturais no país. Gêneros como funk carioca e sertanejo universitário ganharam destaque, atraindo novas gerações de ouvintes. O funk, que se originou nas comunidades cariocas, é uma expressão da cultura urbana e aborda temas como a vida nas favelas e questões sociais.

De acordo com o *Metrópoles*⁴ (2023), que divulgou dados de um levantamento realizado pelo site Apostagolos, 50 cantores brasileiros foram pesquisados em 154 países, revelando o impacto global da música brasileira. Anitta foi a artista brasileira mais buscada em 137 países, despertando interesse em grandes potências como Estados Unidos, Inglaterra e China, além de nações menores como Chade, na África, e Estônia, na Europa. Ainda segundo o levantamento, Luan Santana foi o artista mais procurado em países de língua portuguesa, como Portugal, Angola e Moçambique, além de São Tomé e Príncipe e Luxemburgo.

1.2 SURGIMENTO DA MÚSICA SERTANEJA

A música sertaneja, em seus primeiros tempos, não era dividida em estilos tão distintos como conhecemos hoje. No início do século XX, as músicas do interior eram classificadas de maneira geral e indistinta, com o termo "sertanejo" englobando diversas manifestações musicais rurais sem considerar suas variações regionais. Esse entendimento amplo do gênero perdurou até o final dos anos 1930, quando as fronteiras entre as diferentes formas de música rural ainda não estavam bem definidas. Durante esse período, a música sertaneja começou a ganhar popularidade, especialmente com a difusão de duplas como Tonico e Tinoco, que levaram o gênero para o rádio e ampliaram seu alcance.

No Brasil do início do século XX até o fim dos anos 1930, as músicas do interior do país eram classificadas indistintamente como música 'sertaneja'. (...) Falar de música rural, música do interior, sertaneja ou caipira era tudo a mesma coisa (Alonso, 2015, p. 26).

Com a urbanização e a crescente presença da mídia nas décadas seguintes, o estilo sertanejo passou a incorporar elementos de outros ritmos, como a música latina e internacional. Isso gerou críticas de puristas, que consideravam essas mudanças como uma distorção do gênero original. Segundo o autor do livro *Cowboys do asfalto: música sertaneja e modernização brasileira*, Gustavo Alonso, o sertanejo teria se tornado um som 'falso e corrompido' pelas tendências

⁴ Disponível em:

<https://www.metropoles.com/entretenimento/musica/veja-os-6-cantores-brasileiros-mais-populares-no-exterior-em-2023>. Acesso em: 10 out. 2024.

estrangeiras, enquanto a música caipira, "pura" e 'autêntica', representaria fielmente o camponês brasileiro. Apesar das críticas, o estilo continuou a se expandir e evoluir, com duplas como Milionário & José Rico e Chitãozinho & Xororó, que equilibraram as tradições com novas influências.

Nos anos 2000, o gênero passou por uma transformação com o surgimento do sertanejo universitário. Esse movimento consolidou o estilo como um dos mais populares do Brasil, impulsionado pelo sucesso de duplas como Jorge & Mateus e Fernando & Sorocaba, que apresentaram uma abordagem mais urbana e jovem.

Ao longo de sua trajetória, o estilo sertanejo manteve uma conexão constante com suas origens, ao mesmo tempo em que se adaptava às novas tendências. Desde seus primeiros passos com as canções caipiras até o fenômeno do sertanejo universitário, o movimento soube se adaptar às mudanças sociais e culturais, permanecendo uma importante expressão da identidade brasileira. Essa capacidade de transformação se deve, em grande parte, à diversidade de músicos que, em diferentes momentos, contribuíram para a continuidade e inovação do gênero.

1.2.1 Goiás, berço do sertanejo

Entre os Estados que desempenharam papel fundamental nesse processo, Goiás se destaca como um centro estratégico para a música sertaneja, tanto na preservação de suas raízes quanto na inovação do gênero, especialmente a partir da segunda metade do século XX.

Desde os primórdios, com as canções caipiras representadas pela icônica dupla paulista, Tônico e Tinoco, com reflexo nos goianos Léo Canhoto e Robertinho e Toni e Gil até a ascensão do sertanejo universitário, o Estado desempenhou papel fundamental na criação de grandes nomes e na popularidade nacional do gênero.

Tônico e Tinoco é a dupla que melhor simboliza a música caipira. Cantaram juntos de 1930 a 1994, com mais de 40.000 apresentações, milhões de discos vendidos e vários sucessos: Tristeza do Jeca, Chico Mineiro, Moda da Mula Preta, Beijinho Doce, Moreninha Linda. (Santa Cruz, 2021, p. 13).

A partir da década de 1990, Goiás consolidou-se como um dos principais pólos da música sertaneja. Goiânia, em especial, transformou-se em um dos maiores centros dessa indústria, impulsionada por artistas como Leandro & Leonardo, Zezé

Di Camargo & Luciano, e Bruno & Marrone. Essa nova geração trouxe uma sonoridade moderna ao gênero, incorporando elementos da música popular e expandindo o público-alvo.

O impacto de Goiás na indústria musical é inegável. Goiânia, frequentemente chamada de "capital da música sertaneja", tornou-se a porta de entrada para artistas que almejam sucesso no mercado nacional. Praticamente todos os grandes artistas passaram pela cidade em algum momento. A equação é simples: para estourar no Brasil, primeiro é necessário estourar em Goiânia (El País, 2015).⁵

Goiânia, ao longo do tempo, se firmou como um polo de gravações e shows que projetaram o Estado no cenário nacional. A cidade se tornou sinônimo de sucesso no gênero, atraindo novos talentos e consolidando a música sertaneja goiana no mercado fonográfico. Essa dinâmica entre o interior e a capital consolidou Goiás como um dos maiores centros do gênero no Brasil.

Dois Filhos de Francisco, lançado em 2005, foi fundamental para a história da música sertaneja no Brasil, pois recolocou as origens rurais como tema central (Alonso, 2015, p. 354). O interior de Goiás tem um papel essencial nesse contexto: além de fornecer novos talentos para a capital, também consome o que é produzido pela indústria musical, ajudando a manter a continuidade e evolução do movimento (Santa Cruz, 2021, p. 60).

1.2.1.1 Patrimônio cultural goiano

A Assembleia Legislativa de Goiás sancionou, em 2023, a Lei Estadual nº 21.749, que declara a música sertaneja como patrimônio cultural imaterial do Estado. Esta ação originou-se do projeto de lei nº 8548/2021, proposto pelo ex-deputado Chico KGL (União Brasil). O reconhecimento busca afirmar a relevância do gênero dentro da cultura goiana.

De acordo com informações do *site oficial*⁶ da Assembleia, a lei determina que, todos os anos, no dia 1º de outubro, um artista goiano será agraciado com a Medalha do Mérito Legislativo Pedro Ludovico Teixeira, em homenagem ao Dia

⁵ Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2015/06/28/cultura/1435481366_930523.html. Acesso em: 21 nov. 2024.

⁶ Disponível em: <https://portal.al.go.leg.br/noticias/129676/declaracao-da-musica-sertaneja-como-patrimonio-cultural-e-publicada-no-diario-oficial>. Acesso em: 17 out. 2024.

Internacional da Música. O objetivo é reconhecer a contribuição de artistas para a promoção da música sertaneja e sua influência na cultura do Estado.

Embora o gênero tenha se originado no interior de São Paulo, Goiás se consolidou como um importante centro de produção e eventos desse estilo musical. Vários artistas que não são naturais de Goiás, mas residem na capital, como Gustavo Lima, Eduardo Costa e Maiara & Maraísa, também contribuíram para a cena sertaneja local e estão ligados ao estado.

Com o reconhecimento formal e a atuação de artistas goianos, a música sertaneja, segundo a Assembleia Legislativa de Goiás, revela diversos aspectos da cultura brasileira, levando a tradição goiana ao cenário nacional e internacional.

1.2.2 Formação da banda sertaneja: características e definições principais

A música sertaneja é composta por diferentes tipos de músicos, cada um com uma função específica, mas todos trabalhando em conjunto para criar o som característico do gênero. O papel de cada músico varia de acordo com o instrumento que toca, mas a contribuição de todos é essencial para a construção de uma performance coesa. De acordo com o site da escola de música *Canto do Batuque*⁷, os principais tipos de músicos que compõem uma banda sertaneja incluem os violonistas, sanfoneiros, bateristas, baixistas, guitarristas, percussionistas, tecladistas e vocalistas.

O vocalista é responsável por interpretar e transmitir a mensagem da música através da voz. Ele tem o papel de guiar a performance, criando a conexão entre a letra da música e o público. A qualidade da voz é fundamental para garantir que a canção seja compreendida e que a performance tenha impacto. O vocalista também se encarrega de liderar a banda, indicando mudanças de ritmo ou dinâmica durante o show.

O percussionista utiliza instrumentos como congas, bongôs, pandeiros, entre outros, para criar variações rítmicas. A percussão complementa a bateria, adicionando camadas de ritmo à música. Esses músicos são responsáveis por enriquecer a textura sonora da banda, criando variações que tornam a música mais dinâmica e interessante.

⁷ Disponível em: https://cantodobatuque.com.br/o_papel_de_cada_instrumento/. Acesso em: 10 out. 2024.

Ainda segundo o *Canto do batuque*, o violonista desempenha a função de acompanhar a música, estabelecendo a base harmônica através de técnicas como dedilhados e batidos. O violão é essencial para estruturar a música, criando a base sobre a qual os outros instrumentos e a voz são apoiados. Dependendo da apresentação, o violonista pode também adicionar variações melódicas ou solos.

O baixista é responsável por sustentar a harmonia e garantir que a música tenha profundidade. Ele trabalha em conjunto com o baterista para formar a base rítmica da banda. A linha de baixo dá sustentação e coesão às músicas, ajudando a manter a fluidez e a uniformidade durante a performance.

O baterista marca o ritmo da música e controla o compasso. Ele define o andamento da canção, determinando se a música será mais rápida ou mais lenta. A bateria é fundamental para dar "energia" à música, ajudando a estruturar o fluxo da performance. O baterista trabalha em estreita colaboração com o baixista para garantir que a música tenha a base rítmica necessária.

Além disso, de acordo com o *site*, o guitarrista tem a função de complementar a harmonia, podendo também executar solos melódicos. A guitarra é utilizada tanto para criar acompanhamento harmônico, como na forma de "guitarra base", quanto para executar melodias que se destacam, como em solos. A guitarra adiciona mais intensidade à música, sendo uma das principais características no sertanejo universitário.

Embora seja conhecida como sanfona no sertanejo, o instrumento também é referido como acordeon, especialmente em outros estilos musicais, como o forró. A principal diferença entre os dois termos é uma questão regional e de nomenclatura, mas, em termos técnicos, ambos se referem ao mesmo tipo de instrumento. A sanfona/acordeon é utilizada para criar melodias e harmonias, adicionando uma sonoridade única à música sertaneja, tanto nas músicas mais antigas quanto nas mais contemporâneas.

1.3 DESAFIOS EMOCIONAIS DOS MÚSICOS

Segundo o site da *União Brasileira de Compositores (UBC)* ⁸, os músicos

⁸ Disponível em:

<https://www.ubc.org.br/publicacoes/noticia/12502/por-que-musicos-sofrem-tanto-de-ansiedade-e-depresso>. Acesso em: 11 out. 2024.

enfrentam muitos desafios emocionais, como ansiedade, estresse e depressão. Um estudo realizado pela plataforma de distribuição digital sueca Record Union⁹ apontou que 73% dos músicos independentes relataram enfrentar algum tipo de transtorno mental. A pesquisa foi conduzida entre 21 de março e 2 de abril de 2019, com cerca de 1.500 participantes. Esse índice é ainda mais elevado entre músicos jovens, com idades entre 18 e 25 anos, onde 80% afirmaram sofrer efeitos negativos decorrentes de suas carreiras musicais. Embora o estudo não tenha incluído músicos brasileiros especificamente, ele levanta um alerta global sobre os desafios da saúde mental na indústria musical.

Entre os fatores que contribuem para esses problemas estão a instabilidade financeira, a pressão por resultados e o medo do fracasso. Além disso, foi constatado que muitos músicos evitam buscar ajuda profissional, com menos de 40% procurando tratamento. Em contrapartida, mais da metade dos músicos se automedicam, utilizando álcool e drogas como forma de lidar com os desafios emocionais.

A pesquisa também revelou que a falta de apoio dentro da indústria musical agrava essas questões. Apenas 19% dos músicos relataram sentir algum tipo de suporte da indústria. Para combater esses problemas, a Record Union lançou uma iniciativa destinada a financiar projetos focados na prevenção e tratamento de transtornos mentais entre músicos.

Esses desafios emocionais, já intensificados por fatores como a pressão constante da carreira, foram amplificados com o início da pandemia. Com a declaração da pandemia pela OMS (Organização Mundial da Saúde) em 2020, milhões de pessoas passaram a enfrentar novos desafios, e a Covid-19 teve um impacto direto na vida dos músicos, que lidaram com o cancelamento de eventos e o isolamento social. Esse novo contexto aprofundou ainda mais as dificuldades emocionais e financeiras dos músicos, exigindo adaptações e aumentando as tensões existentes.

⁹ Disponível em: <https://www.recordunion.com/>. Acesso em: 11 out. 2024.

1.3.1 Impacto da pandemia na renda dos músicos

Segundo o site da *FMCB (Festival de Música Contemporânea Brasileira)*¹⁰, antes da pandemia, a música já desempenhava um papel central na vida dos brasileiros. A FMCB divulgou uma pesquisa realizada pela ABRAMUS (Associação Brasileira de Música e Artes) em 2018, que indicou que 80% das pessoas escutavam música diariamente, e 60% consideravam a música algo indispensável em suas vidas.

A pandemia de Covid-19 resultou em uma redução na renda dos músicos brasileiros, especialmente devido à suspensão de eventos ao vivo, que constituíam a principal fonte de receita para muitos profissionais do setor. A crise afetou principalmente os músicos que não possuíam vínculos empregatícios formais ou contratos fixos, uma vez que sua renda dependia diretamente dos shows e apresentações ao vivo.

De acordo com o artigo *A Covid-19 e seus efeitos na renda dos músicos brasileiros*, a perda de renda foi mais pronunciada entre os músicos que já se encontravam em situação de vulnerabilidade antes da pandemia.

Os musicistas que mais perderam renda estão entre aqueles autodeclarados negros, com menor escolarização, mais jovens e que não tinham vínculo trabalhista formal antes da pandemia (Sandroni et al., 2021, p. 2).

A pesquisa também revelou que muitos músicos buscaram alternativas para compensar a falta de apresentações presenciais, como shows online, rifas e atividades em setores fora da música. Contudo, essas alternativas não foram suficientes para compensar a perda de receita proveniente dos eventos ao vivo. Com a crise, muitos músicos brasileiros recorreram à informalidade para garantir sua subsistência, sendo forçados a atuar em outros setores (Sandroni et al., 2021).

Além disso, o estudo apontou que o acesso ao auxílio emergencial foi restrito para grande parte dos músicos, devido a exigências burocráticas e critérios de elegibilidade. Esse fator agravou a situação financeira dos músicos, pois muitos não conseguiram acessar o apoio governamental. A falta de políticas públicas voltadas especificamente para o setor musical dificultou o acesso dos músicos a recursos financeiros durante a crise.

¹⁰ Disponível em: <https://fmcb.com.br/os-impactos-da-pandemia-na-rotina-dos-musicos/>. Acesso em: 11 out. 2024.

Lucas Ramos (2024)¹¹ exemplifica os impactos psicológicos causados pela pandemia. Durante o período em que ficou impossibilitado de trabalhar, enfrentou preocupações intensas com as dívidas acumuladas, o que o levou a buscar tratamento psiquiátrico. Atualmente, ele relata lidar melhor com a ansiedade, condição que acomete muitas pessoas e que é frequentemente descrita como uma "amiga indesejada".

Em síntese, a pandemia expôs fragilidades estruturais do setor musical, especialmente para músicos independentes e autônomos, que não contam com uma rede de proteção trabalhista formal. Segundo eles, em depoimento para este trabalho, a ausência de apoio governamental adequado contribuiu para o agravamento das dificuldades financeiras desses profissionais, evidenciando a necessidade de políticas públicas direcionadas ao setor em momentos de crise.

¹¹ Entrevista transcrita do documentário Por trás dos acordes: história de música e vida (2024).

2 DEFINIÇÃO DE DOCUMENTÁRIO

O gênero documentário, intrinsecamente ligado à trajetória do cinema, tem sua origem remontada aos primórdios da sétima arte. A cinematografia dos irmãos Lumière, em 1895, marca o surgimento desse estilo peculiar de representação audiovisual, capturando o momento cotidiano da saída dos funcionários da fábrica da família. A definição do documentário, no entanto, é um campo de debate entre estudiosos, carecendo de consenso.

Conforme Lucena (2012), a linguagem documentária encontrou seu primeiro expoente significativo na década de 1920, através do cineasta norte-americano Robert Flaherty e seu filme *Nanook, o Esquimó* (1922). Este marco inicial redefiniu a concepção cinematográfica, conferindo ao documentário o status de produção audiovisual que registra fatos, personagens e situações do mundo real, destacando os próprios protagonistas como 'sujeitos da ação'. (Lucena, 2012).

É consenso entre estudiosos do tema que embora documentário e ficção sejam cinema enquanto espécie desse gênero, existem diferenças entre eles. O teórico do documentário e professor de Cinema na San Francisco States, Bill Nichols (2010) ressalta a distinção significativa entre documentário e ficção. Para ele, o documentário não é uma mera reprodução da realidade, mas uma representação do mundo em que vivemos. Essa perspectiva é reforçada por Rebaça e Barbosa, definindo documentário como um filme baseado em situações verídicas (Apud, Pereira, 2009).

A definição do documentário, segundo Nichols (2010), não é estática, variando ao longo do tempo e podendo ser abordada por diferentes ângulos: institucional, profissional, textual e público. A influência das instituições na rotulação de um produto como documentário destaca a dinâmica de sua definição.

O documentário, ao longo de sua evolução, passou por transformações técnicas significativas. Desde os jornais cinematográficos da década de 1930 até a introdução das câmeras portáteis leves com som direto, nos anos 1960, a evolução técnica permitiu maior mobilidade aos cineastas. Posteriormente, nas décadas seguintes, o uso de técnicas anteriores, como imagens de arquivo, alterou a forma de representar eventos passados ou influentes no presente (Nichols, 2010).

Fernão Pessoa Ramos (2008) descreve o documentário como uma narrativa composta por imagens-câmera, frequentemente acompanhada de elementos como

imagens de animação, ruídos, música e depoimentos. De outro lado, Lucena conclui, definindo documentário como "A edição (ou não) de um conteúdo audiovisual captado por dispositivos variados, refletindo a perspectiva pessoal do realizador" (Apud Lucena, 2012, p. 16).

2.1 DOCUMENTÁRIO E FICÇÃO

A análise da relação entre documentário e ficção, conforme abordada por Puccini (2011) e Nichols (2005), destaca diferenças no processo de produção, no papel do roteiro e na representação da realidade. Essa compreensão é essencial para contextualizar as peculiaridades de cada gênero cinematográfico.

De acordo com Puccini (2011), uma das distinções fundamentais entre documentário e ficção reside nas alterações frequentes no roteiro documental durante a realização do filme. Enquanto a ficção geralmente mantém seu roteiro inalterado, proporcionando uma orientação clara antes da produção, o documentário, com sua perspectiva mais jornalística, está sujeito a mudanças contínuas, mesmo durante a execução do projeto.

O roteiro no documentário é caracterizado por uma escrita em aberto, estendendo-se ao longo de todo o processo de produção. Isso reflete a natureza dinâmica e adaptável do documentário, que muitas vezes reage às nuances e mudanças que ocorrem durante a filmagem, buscando capturar a realidade em constante evolução.

Se no filme de ficção a escrita do roteiro ocorre integralmente no período da pré-produção, no documentário essa escrita muitas vezes se manifesta de maneira diferente; trata-se de uma escrita em aberto, que se estende por todo o processo de realização do filme (Puccini, 2011, p. 9).

Diante dessa distinção, é fundamental ressaltar que, enquanto Puccini (2011) destaca a diferença na escrita do roteiro entre filmes de ficção e documentários, evidenciando que no documentário essa escrita muitas vezes se manifesta de maneira diferente, caracterizando-se por uma escrita em aberto que se estende por todo o processo de realização do filme, Nichols (2005) aprofunda a compreensão dessa distinção ao categorizar o documentário como "representação social" e a ficção como "satisfação de desejos". O documentário, segundo Nichols, é uma

representação do mundo em que vivemos, oferecendo novas visões e perspectivas sobre a realidade.

Esses filmes também transmitem verdades, se assim quisermos. Precisamos avaliar suas reivindicações e afirmações, seus pontos de vista e argumentos relativos ao mundo como o conhecemos, e decidir se merecem que acreditemos neles. Os documentários de representação social proporcionam novas visões de um mundo comum, para que as exploremos e compreendamos (Nichols, 2005, p. 27).

Essa abordagem mais reflexiva e informativa caracteriza os documentários de "representação social", que buscam explorar e compreender o mundo comum. Em contrapartida, os filmes de ficção, também denominados "documentários de satisfação de desejos" por Nichols (2005), têm como principal objetivo expressar de forma tangível nossos desejos e sonhos. Eles criam mundos imaginários, visíveis e audíveis, que transmitem verdades moldadas pela imaginação.

Tornam concretos - visíveis e audíveis - os frutos da imaginação. Expressam aquilo que desejamos, ou tememos, que a realidade seja ou possa vir a ser. Tais filmes transmitem verdades, se assim quisermos. São filmes cujas verdades, cujas ideias e pontos de vista podemos adotar como nossos ou rejeitar. Oferecem-nos mundos a serem explorados e contemplados; ou podemos simplesmente nos deliciar com o prazer de passar do mundo que nos cerca para esses outros mundos de possibilidades infinitas (Nichols, 2005, p. 26).

A distinção central entre documentário e ficção, conforme evidenciado por esses estudiosos, é a busca documental de fatos versus a propensão da ficção para a criação de realidades inventadas. No documentário, a ênfase está na captura de eventos e aspectos autênticos da vida, frequentemente utilizando atores sociais reais. Em contraste, a ficção se caracteriza por seu uso da "não realidade", atores profissionais e pela liberdade criativa de seus idealizadores, como roteiristas e diretores (Nichols, 2005).

Essas análises permitem concluir que, embora ambos os gêneros cinematográficos compartilhem elementos narrativos e visuais, a essência de suas abordagens os diferencia fundamentalmente. Enquanto o documentário busca a verdade na realidade, a ficção se entrega à exploração ilimitada das possibilidades imaginativas.

2.2 A ÉTICA NO DOCUMENTÁRIO

A discussão sobre a ética no documentário abrange uma complexa rede de relações entre cineastas, sujeitos filmados e espectadores, explorando as possibilidades e desafios inerentes à representação do outro.

Conforme Nichols (2010) enfatiza, a ética desempenha um papel fundamental no cinema documentário, considerando suas semelhanças e diferenças em relação à ficção. A perspectiva de que todo filme é, de certa forma, um documentário, mesmo na ficção, destaca a capacidade única do cinema de registrar a realidade. Na mesma obra, Nichols destaca que os documentaristas têm o poder não apenas de representar o mundo, mas de influenciar ativamente a formação de opiniões sobre os temas abordados.

Ao explorar as implicações éticas, uma questão central surge: qual a responsabilidade dos cineastas pelos efeitos de suas ações na vida daqueles que são filmados? Nichols (2010) destaca o risco de exploração ao representar pessoas sem que o público as conheça previamente, utilizando-as como exemplos para ilustrar um problema específico. Por outro lado, cineastas que escolhem trabalhar com pessoas conhecidas enfrentam o desafio de representar de maneira responsável os pontos de vista comuns, muitas vezes "sacrificando suas próprias opiniões em favor das dos outros" (Nichols, 2010, p. 36).

A abordagem observacional, na qual os cineastas optam por não intervir nas atividades dos participantes, abre espaço para modificar comportamentos e eventos, enquanto também coloca os cineastas diante de questionamentos sobre sua sensibilidade ética. Nichols (2010) destaca que, independentemente da escolha do método, os participantes, sejam atores fictícios ou sociais, devem estar cientes das possíveis consequências de sua participação, fundamentando-se no princípio do "consentimento informado".

A analogia do "consentimento informado" é comparada por Nichols (2010) à participação em testes de uma nova droga, onde os profissionais de saúde devem informar os candidatos sobre os possíveis efeitos colaterais do experimento. Não o fazer seria violar a ética médica, estabelecendo assim um paralelo com a responsabilidade ética dos cineastas em informar plenamente os participantes dos documentários sobre as implicações de sua participação.

Portanto, a ética no documentário emerge como um elemento essencial, moldando não apenas a forma como os cineastas abordam seus temas, mas

também influenciando o impacto potencial de suas produções na vida daqueles que participam, conscientemente ou não, desse processo cinematográfico.

2.3 DOCUMENTÁRIO E JORNALISMO

A relação entre documentário e jornalismo é intrínseca, pois ambos compartilham, em tese, a essência de contar histórias reais, utilizando elementos como imagens, vídeos, áudios e textos para transmitir informações. A presença de personagens e o debate sobre questões sociais são fundamentais tanto na produção documental quanto na elaboração de uma grande reportagem. Da mesma forma, o jornalismo não se limita a relatar eventos naturalmente noticiáveis, mas passa por um processo complexo de seleção e escolha de acontecimentos de acordo com categorias socialmente construídas (HALL et al., 1993).

Historicamente, o documentário surge nas margens das narrativas ficcionais, da propaganda e do jornalismo. Sua função primordial é oferecer uma narrativa criativa e diferenciada do mundo, distanciando-se da prática da reportagem.

A reportagem é uma narrativa que enuncia asserções sobre o mundo, mas que, diferentemente do documentário, é veiculada dentro de um programa televisivo que chamamos telejornal. Do mesmo modo que a tradição do filme documentário flexiona uma narrativa com imagens/sons, estabelecendo asserções sobre o mundo, a forma do telejornal flexiona a narrativa assertiva sobre o mundo no formato programa telejornal (Ramos, 2008, p.58).

A relação dialética entre semelhanças e discrepâncias entre jornalismo e documentário é evidente. Ambos os campos se beneficiam mutuamente, utilizando saberes e técnicas uns dos outros na produção de produtos audiovisuais. O cineasta João Salles (Apud Bezerra, 2014), ao integrar jornalistas em suas produções, exemplifica essa colaboração entre as práticas. A interseção entre jornalismo e documentário também é evidente em produções como *A Verdadeira História do Roubo do Século* (2022), documentário argentino dirigido por Matías Gueibulrt. Ele complementa a abordagem jornalística, fornecendo uma visão mais aprofundada e reveladora dos eventos, detalhando o assalto de 2006 no Banco Río em Buenos Aires, no qual um grupo de criminosos conseguiu roubar 15 milhões de dólares.

Em suma, embora documentário e jornalismo compartilhem a narrativa de histórias com personagens e contextos, a objetividade permanece uma

característica do jornalismo, enquanto o curta abraça a subjetividade, fazendo com que seja parcial mesmo que ético. Além de serem considerados retratos do real, a percepção de um determinado acontecimento é invariavelmente influenciada pelo ponto de vista do produtor, seja moldado por experiências pessoais, opiniões acumuladas ao longo da vida ou pelo viés do veículo de comunicação.

2.3.1 Linguagem

A linguagem cinematográfica em documentários guarda estreita semelhança com aquela empregada no jornalismo audiovisual, utilizando fragmentos de imagens dispostos em sequência, assemelhando-se a histórias em quadrinhos. Esses fragmentos, de acordo com Moletta (2009), são cuidadosamente agrupados para permitir que o público forme suas próprias conclusões, constituindo uma narrativa visual que não corresponde necessariamente a uma unidade de ação real, mas que, ao ser disposta em sequência, sugere uma experiência autêntica.

Apesar de comumente confundido com documentário, o jornalismo e este gênero apresentam divergências significativas (Pereira, 2015). Enquanto o jornalismo busca narrar uma notícia de forma imparcial, o documentário, ao se aprofundar na captura de elementos da realidade imediata, pode ser confundido com uma reportagem, mas destaca-se pela sua abordagem mais profunda.

Segundo o professor e jornalista, Delmanto Barros, em material didático fornecido para seus alunos, a reportagem busca formular um "retrato completo" de um determinado fato, utilizando procedimentos como a apresentação de diferentes pontos de vista e a criteriosa utilização de citações para criar a impressão de imparcialidade. Além disso, a voz em off, frequentemente presente na reportagem televisiva para explicar as imagens, não é um elemento obrigatório no documentário, permitindo que as imagens tenham um papel mais significativo por si mesmas.

Manuela Penafria (1999) destaca a diferença no uso da voz em *off* entre os dois gêneros. Enquanto na reportagem televisiva, o *off* é utilizado para explicar ou descrever as imagens, no documentário, a imagem não é meramente ilustrativa, mas sim essencial, explorando seu lado conotativo e sobrepondo-se ao discurso falado. As imagens, nesse contexto, têm significado próprio e são fundamentais para a narrativa documental.

Essas diferenças na linguagem cinematográfica destacam as complexidades entre documentário e jornalismo, contribuindo para uma análise mais aprofundada de como a linguagem visual influencia a percepção do público sobre a realidade narrada.

2.4 TIPOS E FORMATOS

Nichols (2005) propõe uma classificação abrangente de documentários, dividindo-os em seis modos distintos que orientam a estrutura e a narrativa de cada filme, sendo eles: Poético, expositivo, participativo, observativo, reflexivo e performático. Esses modos moldam as expectativas dos espectadores e estabelecem diretrizes específicas para a produção documental. O documentário produzido para este TCC se alinha principalmente ao modo expositivo e ao modo reflexivo.

Poético - Destaca-se pela ênfase no aspecto histórico e poético, utilizando estética cuidadosa para valorizar o tema abordado. Contrariamente, o modo expositivo, está associado ao formato padrão de documentários, concentra-se no argumento e na lógica verbal, utilizando narração para guiar o espectador.

Expositivo – Se concentra no argumento e na lógica verbal, utilizando narração para guiar o espectador e enfatizando a apresentação clara dos fatos. Nesse modo, o cineasta adota uma postura mais direta, visando informar e persuadir o público por meio de uma abordagem mais tradicional. A ênfase recai sobre o comentário verbal e uma lógica argumentativa, sendo comumente identificado pelo público como o modelo típico de documentário.

Participativo - O documentarista assume um papel ativo, interagindo diretamente com os personagens e eventos do documentário. Este modo busca transmitir não apenas os acontecimentos, mas também a experiência pessoal do cineasta na situação retratada.

Observativo - Procura capturar a realidade de forma imparcial, evitando interferências e permitindo que as cenas falem por si mesmas. Esse modo valoriza a objetividade na representação dos fatos, evitando a influência do cineasta na narrativa.

Reflexivo - Como sugere o nome, incentiva a reflexão do espectador sobre a própria natureza da produção do documentário, destacando as relações entre quem filma e quem é filmado.

Performático - Destaca as experiências de vida dos personagens, priorizando o aspecto emocional e subjetivo, muitas vezes sem depender de evidências lógicas ou científicas. Essa diversidade de abordagens reflete a riqueza do gênero documental, permitindo que cineastas escolham a linguagem cinematográfica mais adequada para cada história, impactando de maneira única o público que consome essa forma de narrativa audiovisual.

2.4.1 Formatos

Formatos - Os formatos de documentário norte-americano e europeu representam distintas tradições na produção audiovisual, cada qual com suas características marcantes. O documentário, enquanto forma cinematográfica, passou por transformações ao longo do tempo, refletindo a diversidade de linguagens e tradições em diferentes regiões.

O estilo de documentário europeu é considerado o mais "tradicional", destacando-se por aprimorar as formas individuais e retóricas. Cada elemento, desde o enquadramento à luz, cenário, personagens, problemas, resoluções até as falas, é meticulosamente pensado e expresso no roteiro. Nichols enfatiza que o processo de filmagem é a concretização do que está descrito no papel, buscando clareza e objetividade na transmissão das informações (Pereira, 2009).

Já o formato norte-americano, destaca-se de forma objetiva e mais observativa, lembrando, em certa medida, a reportagem jornalística diária veiculada nos telejornais. É importante destacar como o repórter, por meio de sua voz em *off* e das passagens, guia os espectadores através da história, oferecendo contexto, análises e reflexões. Essa abordagem confere ao documentário uma sensação de autoridade e imparcialidade, semelhante à experiência de assistir a uma reportagem jornalística.

Nas redes de TV norte-americanas são raros os documentários e predominam os programas semanais com grandes reportagens investigativas. Nesse modelo, ao contrário do europeu, entre a câmera e o telespectador há um intermediário – o repórter. É ele quem investiga, conduz a matéria e interage com o telespectador. Esse formato, segundo Pontual, tem mais ritmo e é mais dinâmico. Mais voltado, assim, para o público de massa de uma rede de TV aberta, comercial (Pereira, 2009, P. 3).

Ambos os tipos de documentários compartilham o propósito comum de narrar histórias por meio de personagens e imagens. No entanto, suas execuções audiovisuais são distintas, refletindo as escolhas estilísticas e narrativas que cada região adota em sua tradição cinematográfica.

2.5 DOCUMENTÁRIO NO BRASIL

A trajetória do documentário no Brasil remonta ao surgimento do cinema no final do século XIX. Em 1896, as primeiras exhibições cinematográficas encantaram o público no Rio de Janeiro, posteriormente em São Paulo e outras cidades. Pascoal Segreto, um imigrante italiano, desempenhou um papel fundamental como dono da primeira sala de exibição, enquanto seu irmão, Afonso Segreto, registrou a Baía da Guanabara, inaugurando o cinema brasileiro (Gonçalves, 2006).

Na mesma obra, os primeiros documentários, conhecidos como "tomada de vista", predominaram até 1908, destacando as peculiaridades regionais do país. Durante as décadas de 1910 e 1920, as más condições de infraestrutura no Brasil incentivaram a produção de documentários, muitos dos quais eram realizados por estrangeiros que se tornaram cinegrafistas. O cinema de propaganda também encontrou espaço, mostrando as belezas naturais brasileiras, especialmente na produção de Silvino Santos no Estado do Amazonas.

Em 1936, o governo federal estabeleceu o Instituto Nacional do Cinema Educativo (INCE), visando promover uma imagem positivista do Brasil. O antropólogo Edgar Roquette-Pinto teve um papel crucial na criação do INCE, onde, por 30 anos, teve a direção de Humberto Mauro, destacando-se como referência no cinema brasileiro (Gonçalves, 2006).

É observado por (Rodrigues, 2010) que durante o Estado Novo,¹² o cinema foi utilizado para controle social, mas após essa fase, a produção documental voltou-se para resgatar a imagem do Brasil rural. Na década de 1960, surgiu uma temática que refletia sobre o subdesenvolvimento e a desigualdade social, antecipando o movimento do cinema novo. O cineasta sueco Arne Suckdorff teve uma influência significativa no desenvolvimento do cinema novo ao ministrar um curso no Brasil.

¹² O **Estado Novo** foi o regime autoritário no Brasil de 1937 a 1945, estabelecido por Getúlio Vargas. Durante esse período, o governo utilizou o cinema como ferramenta de propaganda e controle social, promovendo uma imagem alinhada aos seus interesses políticos. Ao final do Estado Novo, o cinema passou a explorar temas relacionados ao subdesenvolvimento e desigualdade social.

Eduardo Coutinho, um dos mais importantes documentaristas brasileiros, contribuiu significativamente para a poética do documentário no país. Ao longo das décadas de 1970 e 1980, o gênero abordou temas ligados à ditadura e aos movimentos populares, refletindo a abertura política. Na década de 1990, a produção documental enfrentou desafios com as mudanças globais e as medidas do governo Fernando Collor, que impactaram a produção nacional.

A produção documental brasileira permaneceu graças a possibilidade da gravação em vídeo e exibição em alguns restritos canais de TV educativos. A chegada da TV a cabo no Brasil coincide com algumas leis de incentivo à cultura e a produção audiovisual por parte do governo com a Lei Rouanet (8.313) e a Lei do Audiovisual (8.685) (Altafani, 1999, p.23).

Ao longo das últimas décadas, o avanço da tecnologia e a redução dos custos de produção permitiram uma expansão significativa da produção documental. Festivais e mostras tornaram-se espaços importantes para a exibição desses filmes, e a diversidade de temas abordados reflete a riqueza e complexidade da sociedade brasileira. A produção contemporânea, marcada por avanços tecnológicos e maior acessibilidade, destaca-se pela variedade de vozes e perspectivas que contribuem para a construção do panorama documental brasileiro.

O documentário brasileiro vive um período de intensa atividade e diversidade criativa. Uma nova geração de cineastas está emergindo, explorando uma variedade de temas e abordagens estilísticas. O surgimento da internet e das plataformas de *streaming* democratizou ainda mais o acesso ao cinema documental, permitindo que uma ampla gama de vozes seja ouvida e apreciada pelo público.

O documentário brasileiro é um reflexo da nossa sociedade, capturando suas contradições, suas injustiças e suas esperanças. É um registro vivo da história e da cultura do Brasil, e continua a ser uma ferramenta poderosa para promover o diálogo e a mudança social. (Xavier, 2010, p. 45).

Nesse sentido, o documentário registra a realidade, transforma e contribui para a construção de uma consciência crítica e para a promoção da diversidade e da inclusão.

2.6 CONSTRUÇÃO

Conforme já observado neste trabalho, embora distintos em sua essência, o documentário e a ficção compartilham diversas características em comum. Conforme observado por Dancyger (2003, p. 315), "O documentário trata da exposição de um tema", evidenciando a propensão desse gênero em retratar aspectos da realidade.

Uma das dimensões mais fascinantes dos documentários é a liberdade de expressão estética que permanece disponível, mesmo diante de limitações políticas e éticas. Os realizadores têm a liberdade básica de experimentar com combinações de som e imagem que capturam descobertas que consideram pertinentes (Dancyger, 2003, p. 317).

A distinção primordial entre o filme de ficção e o documentário reside no fato de que, no último, as imagens são capturadas em situações reais, com pessoas reais. Assim, o trabalho do diretor e do montador do documentário consiste em adaptar, estruturar e unir as cenas filmadas, a fim de apresentar uma sequência ideal e/ou criativa dos fatos mais relevantes a serem retratados no filme. Inicialmente, o diretor estabelece um tema específico a ser abordado, verificando sua viabilidade e interesse social ou individual. A razão subjacente à criação do filme deve ser mantida ao longo da produção.

O documentário é, por vezes, associado ao filme patrocinado. Seja um documentário sobre questões públicas ou vinculado à igreja local, o patrocinador tem um objetivo específico em mente. Esse objetivo pode ser jornalístico, humanitário ou mercenário, mas nem sempre influencia diretamente as decisões do diretor e do montador (Dancyger, 2003, p. 316).

É nesse ponto que os envolvidos começam a concretizar suas ideias. Para o desenvolvimento da produção documental, é imperativo contar com um roteiro, o ponto de partida que guiará o que e como será documentado. Esse processo de escrita do roteiro é a base para qualquer empreendimento e faz parte da pré-produção.

Roteirizar envolve recortar, selecionar e estruturar eventos em uma ordem que inevitavelmente terá um começo e um fim. A seleção começa na escolha do tema, do pedaço de mundo a ser investigado e transformado em um filme documentário. Inclui a definição de personagens, vozes que darão corpo à investigação, locações, cenários, cenas e sequências, até a elaboração preliminar dos planos de filmagem, enquadramentos, técnicas de câmera e som, entre outros detalhes técnicos que contribuem para a qualidade do filme (Soares, 2007, p. 21 e 22).

Escrever o roteiro pode ser desafiador, pois é o primeiro passo em direção à concretização da visão do documentário. É importante reconhecer que o processo criativo está sujeito a mudanças, e o roteiro pode ser adaptado ao longo do caminho. Contar histórias é uma arte que requer habilidade e sensibilidade, como demonstram roteiristas brasileiros como Adriana Falcão, Bráulio Mantovani e Petra Costa, cada um com sua voz única e estilo próprio de narrar.

A principal diferença entre a criação de um documentário e uma ficção reside no roteiro. Enquanto o filme fictício determina previamente todas as cenas, falas e enquadramentos das imagens, o documentário sugere essas composições em seu roteiro. Não há uma definição estabelecida no roteiro documental, e a construção do filme segue organicamente de acordo com as ideias sugeridas, justificando a amplitude da montagem (Dancyger, 2007, p. 317).

Após a elaboração do roteiro, inicia-se a produção, o momento de capturar as cenas. É nesse estágio que o enquadramento, o movimento da câmera, a iluminação e a disposição dos elementos na cena ganham importância, influenciando a continuidade do filme e a clareza da mensagem transmitida.

A clareza narrativa é alcançada quando o filme não confunde os espectadores. Isso requer uma transição suave de um plano para outro e a manutenção de um sentido claro de direção entre eles. Deixas visuais são essenciais para garantir a clareza narrativa, destacando novas ideias ou inserções (Dancyger, 2003, p. 368).

A montagem de um documentário deve ser fluida, mantendo a continuidade visual para não confundir os espectadores. A criatividade desempenha um papel fundamental nesse processo, pois, como afirma Dancyger (2003, p. 368), “o filme mais simples, que respeita a continuidade e o tempo real, pode ser honesto em sua representação, mas não necessariamente interessante”.

Os movimentos da câmera também desempenham um papel crucial na construção da narrativa e na percepção do espectador. Os *travellings* e os panorâmicos são técnicas comuns, cada um com sua função específica na composição visual do filme. Além disso, a escolha da trilha sonora adequada complementa a experiência audiovisual, ajudando a transmitir a mensagem de forma mais eficaz.

O vocabulário, a cultura e as visões de mundo dos seres humanos são mais adaptados ao universo visual do que ao

sonoro. No cinema, esses dois universos se complementam, se refletem ou se contrapõem em uma interação constante, resultando em combinações audiovisuais significativas (Jullier e Marie, 2012, p. 39).

Após a montagem das cenas e a adição da trilha sonora, o documentário está pronto para a fase de pós-produção, onde são realizados ajustes finais, tratamento de cor, efeitos especiais e demais aspectos estéticos. A criação de um produto audiovisual é um processo complexo que requer criatividade e habilidade técnica, mas que, quando bem executado, pode cativar e inspirar o público.

Todos os filmes modelam um 'espectador ideal', que coopera ao máximo, se emociona e se diverte diante de boas passagens, sem jamais lamentar ter comprado o ingresso (Jullier e Marie, 2012, p. 68).

Ao concluir a produção de um documentário, surge para o realizador não apenas um produto cinematográfico, mas uma obra capaz de cativar e inspirar o público, moldando um espectador ideal, emocionado, divertido e engajado diante das reflexões e descobertas apresentadas. Assim, o documentário não expõe apenas realidades; provoca questionamentos e promove a ampliação de horizontes, consolidando-se como uma forma de expressão cultural e artística fundamental.

3 DIÁRIO DE BORDO

Este capítulo tem como objetivo resumir a jornada durante a realização do presente Trabalho de Conclusão de Curso, delineando os desafios e obstáculos enfrentados ao longo da redação da parte teórica. O projeto foi conduzido em duas etapas: no Trabalho de Conclusão de Curso I, quando foi realizada a parte teórica, com base em extensa pesquisa e referências bibliográficas pertinentes ao tema. Já no Trabalho de Conclusão de Curso II, foram feitas filmagens, decupagem e edição do filme documentário, além da conclusão do trabalho teórico.

3.1 TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO I

Minha jornada no Trabalho de Conclusão de Curso I se iniciou no dia 20 de fevereiro de 2024, onde aconteceu a primeira orientação de TCC. Naquela ocasião, tive a oportunidade de compartilhar minha ideia de documentário para o trabalho de conclusão de curso, onde já havia tido o primeiro contato com meu orientador em novembro de 2023. Destacando minha paixão pelo futebol e a vontade de explorar temas relevantes nesse contexto, havia cogitado abordar o futebol em Morrinhos, minha cidade natal. Realizei contatos com possíveis fontes, porém, percebi que poderia explorar questões mais significativas.

Na terceira orientação, decidi mudar de tema. Fiquei em dúvida entre explorar a acessibilidade nos estádios de modo geral e o motocross, outro esporte que sempre amei. Mas, optei pela acessibilidade, com foco na inclusão daqueles que possuem Transtorno de Espectro Autista. A partir dessas definições iniciais, comecei a escrever o trabalho teórico, dando início ao capítulo 2, abordando a definição e história do gênero documental, sua relação com a ficção, tipos e formatos, a história do documentário no Brasil, questões éticas na produção cinematográfica e o processo de construção de um filme, com ênfase nas etapas de produção, gravação e edição.

Durante o primeiro bimestre, avancei significativamente na elaboração do TCC I. No meio do mês de abril, enviei os capítulos 2 e 3 para avaliação, sendo o capítulo 2 dedicado à explanação sobre o que é documentário, suas definições e abordagens, enquanto o capítulo 3 abrange o diário de bordo, onde abordei sobre meu processo de elaboração do projeto até aquele momento.

No dia 16 de abril, realizei a entrega da primeira parte do TCC e recebi o retorno do professor orientador Enzo De Lisita juntamente com a nota 10. Já na

segunda parte de desenvolvimento do TCC I, no final de abril até metade do mês de maio, iniciei a construção do capítulo 1. Realizei a inclusão e relação dos autistas nos estádios, sua definição e características principais. Foi abordada também a história do Goiás Esporte Clube desde sua fundação até os dias atuais, com estrutura inclusiva dos torcedores autistas esmeraldinos é o foco principal deste trabalho. Para isso, foi fundamental a leitura do livro *Verde Que te Quero Verde* do jornalista Hélio Rocha e busquei dados da ONU e no site oficial do Clube.

No começo de junho, concluí o TCC I com a certeza de que escolhi um tema relevante e impactante, ampliando minha visão e aprofundando minha pesquisa. Apesar das dificuldades encontradas na busca por fontes específicas, consegui construir uma base teórica sólida e entregar o trabalho.

3.2 TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II

Em agosto de 2024, tive minha primeira orientação do semestre de forma presencial com o professor Enzo, discutindo o objetivo do documentário e alinhando ideias. Até o início do semestre, o meu tema ainda era sobre a inclusão de pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no futebol. Tinha feito algumas gravações e começado a decupagem, mas percebi que esse tema não era o que realmente queria, pois as entrevistas não estavam tão focadas no futebol, e sim apenas no autismo. Sentindo que estava perdendo o foco, decidi mudar radicalmente a direção do meu projeto.

Na quarta-feira, dia 9 de outubro, comuniquei ao meu orientador a decisão de mudar o tema para um totalmente oposto: a invisibilidade dos músicos. No mesmo dia, entrei em contato com possíveis personagens para o documentário e, para minha surpresa, todos aceitaram de imediato participar. Foi um momento de sorte, ou talvez de alinhamento perfeito com o universo, porque todos foram extremamente solícitos, mesmo com as agendas lotadas. Logo, elaborei o roteiro para as gravações e o enviei ao orientador, que prontamente aprovou. Para gravar com Jeimes e Mateus, enfrentei um grande problema financeiro: não tinha orçamento suficiente para viajar até Foz do Iguaçu, onde aconteceria o único show que eu precisava gravar, dentro do prazo estipulado. Fiquei desesperada, mas, mais uma vez, o destino sorriu para mim. Contatei o fotógrafo Felipe Silva, que captou as imagens e realizou as duas entrevistas sob minhas orientações. Graças à

colaboração dele, consegui o material necessário para dar continuidade ao documentário.

Em Goiânia, no dia 19 de outubro, gravei a apresentação da dupla PH e Michel e realizei entrevistas com PH (Phillipe Piccinini) e Danyllo Dias. Apesar da logística complicada e da agenda apertada dos músicos, os resultados foram satisfatórios. Lucas Ramos, por exemplo, estava no meio de gravações de um novo projeto com Murilo Huff, mas ainda assim encontrou tempo para participar e, no dia 22 de outubro, viajei até Anápolis acompanhada da minha amiga Ana Beatriz.

No mesmo dia que anunciei a mudança de tema, comecei a redigir o Capítulo 1, voltando à estaca zero. Este capítulo aborda a história da música, a música no Brasil, o surgimento da música sertaneja, os desafios emocionais enfrentados pelos músicos e o impacto da pandemia de Covid-19 em suas vidas.

Embora estivesse em meio à correria do estágio, tive que conciliar as demandas acadêmicas e profissionais, o que trouxe muitos desafios. Aproveitei os momentos de tranquilidade no estágio para adiantar algumas partes do documentário, especialmente na parte teórica. Mesmo quando chegava em casa exausta, não conseguia descansar por completo, pois a ansiedade para concluir o trabalho me mantinha acordada, escrevendo, fazendo com que eu passasse várias noites em claro, para cumprir os prazos estabelecidos pelo professor, já que tive que recomeçar do zero.

Houve momentos de dúvida e frustração, especialmente ao abandonar um tema no qual já havia investido tanto. No entanto, com cada novo depoimento dos músicos, veio uma onda de alívio e realização.

O processo de recomeço, de mudar de tema e superar obstáculos, me fez crescer imensamente como profissional. Mesmo com as pressões e prazos, sei que cada decisão tomada contribuiu para criar algo que será único. Quando olho para o que já foi feito, sinto orgulho de ter persistido, e agora, estou cada vez mais confiante de que esse documentário tocará as pessoas, mostrando o valor daqueles que, longe dos palcos principais, sustentam a magia da música.

Olhar para trás e ver tudo o que passei me faz perceber o quanto cresci, tanto como profissional quanto como pessoa. Todo o processo deste documentário foi uma verdadeira batalha. Enfrentei momentos de profunda dúvida sobre minhas capacidades, crises de exaustão física e mental, e até uma sensação constante de que tudo estava desmoronando ao meu redor. No entanto, algo dentro de mim me

dizia que eu precisava seguir em frente. Eu sabia que as histórias que eu estava contando eram importantes e deveriam ser ouvidas.

Chegando à reta final do meu projeto, a fase de edição foi uma das mais difíceis, além da falta de encontrar bibliografia para o trabalho teórico. Após dias de intenso trabalho, com filmagens e a organização do material, estava quase finalizando o projeto. Mas, no meio de tudo isso, meu notebook estragou de repente, trazendo uma sensação de desespero imensa. Foi um dos momentos mais difíceis, onde senti que todo o meu esforço estava sendo perdido.

Durante as orientações, o professor Enzo acompanhou a evolução do documentário com bastante atenção, oferecendo sugestões que foram fundamentais para aprimorar a estrutura e a narrativa do projeto. Sua orientação me ajudou a manter o foco e a qualidade do trabalho.

Além disso, a leitura do livro do *Música sertaneja, música de Goiás* do autor Fábio Santa Cruz foi crucial para enriquecer o Capítulo 1 do meu TCC e para o desenvolvimento do documentário. O livro me proporcionou uma visão mais profunda sobre a história da música sertaneja em Goiás, e essa compreensão mais detalhada ajudou a contextualizar melhor a evolução do gênero no estado, agregando mais substância e embasamento ao meu trabalho.

3.3 DESCRIÇÃO DO PRODUTO

Por trás dos acordes: história de música e vida, tem uma duração de 23 minutos e 30 segundos, no formato MP4, com resolução padrão de 1920 x 1080 e qualidade em 1080p (HD). Para a produção, foram utilizadas a câmera Sony EZ-V10 e iPhone 15, juntamente com tripé e microfones de lapela Hollyland. O filme conta com cenas exclusivas e imagens da internet, além de trilhas instrumentais da dupla mencionada pelos músicos ao longo do filme.

A obra adota um estilo intimista e subjetivo, característico do documentário europeu, que se destaca pela ênfase nas experiências pessoais e nas emoções dos personagens. O filme captura as complexidades da vida dos músicos, explorando suas experiências com a estrada, a saudade da família, as adversidades enfrentadas durante a pandemia e momentos engraçados que marcaram suas trajetórias. A linguagem cinematográfica foi cuidadosamente escolhida para refletir a autenticidade dos personagens, com planos intimistas, imagens de bastidores e

gravações ao vivo que convidam o público a uma imersão direta na realidade dos músicos.

Embora o foco principal do documentário seja nos músicos de apoio e suas histórias, o *off* do cantor PH, que faz dupla com Michel, desempenha um papel importante no contexto geral da narrativa. Sua voz, presente em momento chave, completa a história sem aparecer fisicamente em cena, permitindo que o espectador sinta sua presença de uma maneira sutil, porém impactante. Esse recurso é utilizado de maneira estratégica, já que o documentário prioriza as experiências e trajetórias dos músicos que muitas vezes são invisíveis, mas ainda assim, integra a contribuição do cantor de maneira fluida, dando voz e profundidade à história sem interromper o fluxo narrativo.

O documentário proporcionou aos personagens Danyllo Dias, Jeimes Andrades, Lucas Ramos e Mateus Gonzaga, a liberdade para compartilhar suas histórias de maneira autêntica. As entrevistas foram conduzidas de forma natural, permitindo que os relatos fluíssem sem pressões externas, o que contribuiu para uma narrativa mais espontânea e aberta. Além disso, o filme também aborda com sensibilidade temas mais profundos, como os desafios de estar longe da família, ansiedade e a perda de entes queridos, especialmente a homenagem ao Pedro Massiole, uma pessoa muito querida, pela qual possuo imensa gratidão pelos ensinamentos.

CONSIDERAÇÕES

Concluir este Trabalho de Conclusão de Curso foi uma experiência transformadora, marcada por desafios pessoais e profissionais que me moldaram ao longo do caminho. Este documentário não representa apenas um projeto acadêmico, mas um reflexo da minha persistência diante das dificuldades que enfrentei. Durante o processo de produção, tive que lidar com obstáculos inesperados, como problemas técnicos e questões de saúde, que muitas vezes fizeram com que eu questionasse minha capacidade de seguir em frente. No entanto, a certeza de que eu estava dando voz a histórias importantes e desconhecidas me impulsionou a continuar, mesmo nos momentos de maior exaustão e incerteza.

O tema do documentário, que aborda a invisibilidade dos músicos de apoio na indústria musical brasileira, é algo que sempre me tocou profundamente. Através deste trabalho, pude perceber a magnitude do impacto que esses profissionais têm no cenário musical, muitas vezes sem receber o reconhecimento que merecem. Ao contar as histórias desses músicos, acredito que consegui, de alguma forma, contribuir para a valorização do seu trabalho e para a conscientização sobre os desafios que enfrentam.

A realização deste documentário também me permitiu refletir sobre a profissão de jornalista e o poder da comunicação em mudar percepções e gerar empatia. Foi uma jornada de aprendizado constante, onde pude aplicar teorias e práticas adquiridas durante o curso, além de desenvolver habilidades técnicas e emocionais que serão essenciais para minha carreira. Cada entrevista, cada gravação, cada ajuste feito na edição foi uma oportunidade de crescimento pessoal e profissional.

Apesar dos imprevistos e das dificuldades, o processo de criação e finalização deste documentário foi extremamente gratificante. Ele não só me proporcionou uma compreensão mais profunda sobre a música e a cultura sertaneja, mas também me fez valorizar ainda mais a importância da dedicação, da paciência e da persistência. Este trabalho é o reflexo da minha trajetória até aqui, e olhar para ele agora, quase pronto, é uma grande vitória.

Contudo, acredito que o documentário **Por trás dos acordes: história de música e vida** cumpre seu objetivo de dar visibilidade aos músicos de apoio, mostrando o impacto emocional e profissional que essa invisibilidade causa.

Estou orgulhosa do resultado e grata por tudo o que aprendi ao longo desse processo. Ele representa muito mais do que uma conclusão acadêmica; é uma

conquista pessoal e uma homenagem àqueles que, no silêncio dos bastidores, fazem a música acontecer. O feedback dos personagens após assistirem ao filme foi a certeza de que o objetivo proposto havia sido alcançado.

REFERÊNCIAS

- ALONSO, Gustavo. **Cowboys do asfalto: música sertaneja e modernização brasileira**. 2015.
- ALTAFINI, Thiago. **Cinema documentário brasileiro: Evolução da linguagem**. São Paulo: Arte, 1999.
- ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE GOIÁS. *Declaração da música sertaneja como patrimônio cultural é publicada no Diário Oficial*. Disponível em: <https://portal.al.go.leg.br/noticias/129676/declaracao-da-musica-sertaneja-como-patrimonio-cultural-e-publicada-no-diario-oficial>. Acesso em: 17 out. 2024.
- AVELLAR, José Carlos. **O Cinema e o Estado Novo: a propaganda no Brasil de Getúlio Vargas**. Rio de Janeiro: Editora XYZ, 2000.
- A VERDADEIRA HISTÓRIA DO ROUBO DO SÉCULO**. Direção: Matías Gueilburt. Produção: Anima Films, MarVista Entretenimento. 2022. Disponível em: <https://www.netflix.com>. Acesso em: 25 nov. 2024.
- CABRAL, Sérgio. **Samba: A história das escolas de samba do Rio de Janeiro**. 1996. p. 133.
- CANTO DO BATUQUE. **O papel de cada instrumento**. 2021. Disponível em: https://cantodobatuque.com.br/o_papel_de_cada_instrumento/. Acesso em: 11 out. 2024.
- DANCYGER, Ken. **Técnicas de Edição para Cinema e Vídeo**. Campus Editoria RJ. Rio de Janeiro, 2003.
- DELMANTO BARROS, Renato. **Diferenças entre documentário e reportagem**. São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2015.
- EL PAÍS. **Goiânia, a efervescência da música sertaneja é aqui**. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2015/06/28/cultura/1435481366_930523.html. Acesso em: 21 nov. 2024.
- GONÇALVES, Gustavo Soranz. **Panorama do documentário no Brasil**. Centro Universitário do Norte – Uninorte/Amazonas, p. 79 a 91, 2006.
- GUSMÃO, Cynthia. **Música e magia na filosofia grega antiga**. Revista Música, v. 14, n.1, p. 61, 2014.
- HALL, Stuart.et. al. **A produção social das notícias: O mugging nos media**. IN: **Jornalismo: questões, teoria e “estórias”**. Lisboa: Veba,1993

JORNALISMO JÚNIOR. **A música como manifestação cultural e sua massificação.** 2023. Disponível em: <https://jornalismojunior.com.br/a-musica-como-manifestacao-cultural-e-sua-massificacao/>. Acesso em: 25 nov. 2024.

JULLIER, Laurent; LOPES, Magda; MARIE, Michel. **Lendo as imagens do cinema.** 1 ed. São Paulo: Editora SENAC, 2012.

METRÓPOLES. **Veja os 6 cantores brasileiros mais populares no exterior em 2023.** Disponível em: <https://www.metropoles.com/entretenimento/musica/veja-os-6-cantores-brasileiros-mais-populares-no-externo-em-2023>. Acesso em: 10 out. 2024.

MOLETTA, Alex. **Criação de curta-metragem em vídeo digital.** São Paulo: Editora Summus, 2009.

MOURA, Roberto. **O samba e suas origens: uma tradição brasileira.** 2005.

MUSICABR. **A música como expressão artística: uma reflexão filosófica.** 2023. Disponível em: <https://www.musicabr.com.br/a-musica-como-expressao-artistica-uma-reflexao-filosofica/>. Acesso em: 25 nov. 2024.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário.** 5ª ed. Campinas: Papirus Editora, 2010.

PENAFRIA, Manuela. **O filme documentário: História, Identidade, Tecnologia.** Lisboa: Edições Cosmos, 1999.

PEREIRA, Stefânia Paula Fernandes. **Diferenças formais entre reportagem e documentário: questões da ética no cinema e valorização do personagem.** Belo Horizonte: Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, 2015.

PUCCINI, Sérgio. **Documentário e roteiro de cinema: da pré-produção à pós-produção.** Campinas: Unicamp, 2007.

PUCCINI, Sérgio. **Roteiro de documentário: da pré-produção à pós-produção.** 2. ed. São Paulo: Papirus, 2010.

RAMOS, Fernão Pessoa. **O que é documentário?** Unicamp, Porto Alegre, 2008.

RODRIGUES, Flávia Lima. **Uma breve história sobre documentário brasileiro.** CES Revista, V.24, Juiz De Fora- MG, 2010.

RECORD UNION. **Estudo sobre a saúde mental dos músicos.** 2020. Disponível em: <https://www.recordunion.com/>. Acesso em: 11 out. 2024.

SANDRONI, Clara; FERREIRA, Daniela Maria; REQUIÃO, Luciana Pires de Sá; Carlos; LIMA, Margareth Guimarães. **A Covid-19 e seus efeitos na renda dos músicos brasileiros**. Revista Vórtex, Curitiba, v.9, n.1, p.1-23, 2021.

SANTA CRUZ, Fábio. **Música sertaneja: música de Goiás**. 2021.

TINHORÃO, José Ramos. **Pequena história da música popular brasileira**. 2007.

TODA MATÉRIA. **História da música**. 2024. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/historia-da-musica/>. Acesso em: 25 nov. 2024.

WISNIK, José Miguel. **O som e o sentido: a música brasileira e sua construção estética**. 2007.

XAVIER, Ismail. **O Documentário Brasileiro: Reflexões e Desafios**. São Paulo: Editora ABC, 2010.

APÊNDICE

APÊNDICE I – ROTEIRO DO DOCUMENTÁRIO

VÍDEO	ÁUDIO	TEMPO
<p>CENA 1</p> <p>FADE IN:</p> <p>Texto com efeito digitado sobre músicos</p>	<p>Sonora de teclado digitando</p> <p>BG instrumental da música Céu da Sua Boca – PH e Michel.</p>	00:00-00:44
<p>CENA 2</p> <p>C0324</p> <p>Pequeno teaser da fala do Lucas Ramos sobre dificuldade</p> <p>C0054</p> <p>Pequeno teaser da fala do Jeimes Andrade sobre dificuldade</p> <p>C0003</p> <p>Pequeno teaser da fala do Danyllo Dias sobre dificuldade</p>	<p>Lucas Ramos: Acho que a maior dificuldade que a gente enfrenta é ficar longe das pessoas que a gente gosta, ficar longe da rotina que a gente gosta, de dormir na cama da gente que é uma das melhores coisas do mundo. (00:09:05 –00:20:19)</p> <p>Jeimes Andrade: Para mim é muito difícil, principalmente no começo. Como minha família é da Bahia, foi muito difícil, viajar, ficar esse tempo todo fora da família. (00:09:20 – 00:19:06)</p> <p>Danyllo Dias: Sempre ficar longe da família, não é legal e no nosso trabalho não seria diferente. Mas a gente passa semanas e até meses</p>	00:45- 1:27

	<p>longe de casa e é um sentimento, né? Não muito legal a gente sente saudade, né? A gente sente falta, mas trabalho está aí, né? São ossos do ofício. (00:35:21 – 00:54:28)</p>	
<p>CENA 3 Lettering: Uma produção de Giovana Cecília</p> <p>Lettering: Sob orientação de Enzo De Lisita</p>	<p>BG instrumental da música Céu da Sua Boca – PH e Michel.</p>	<p>01:28-01:47</p>
<p>CENA 4</p> <p>C0008 Plano superior da banda com nome do documentário</p> <p>Capa documentário Por trás dos acordes: história de música e vida</p>	<p>(Áudio original do vídeo)</p>	<p>01:48 - 02:12</p>
<p>C0033</p> <p>Passagem de som mostrando Mateus Gonzaga na guitarra, PH cantando e Jeimes na Percussão</p> <p>C0046 Mateus</p> <p>Vídeo 0016</p>	<p>Áudio original do vídeo</p> <p>Mateus – (VOZ OFF): Me interessei por música através do meu pai que foi o músico de banda de baile. Tocou mais de 40 anos em bandas de baile. E com isso, eu passei a frequentar os eventos que ele tocava com as bandas. E desde criança, fui interessando por aquilo, achava aquilo algo mágico porque a música ela é mágica, ela é algo que toca</p>	<p>02:14-03:29</p>

	<p>você profundamente. (00:15:20 – 00:53:13)</p> <p>PH - (VOZ OFF): Os músicos são essenciais para o nosso trabalho, né? A gente que vive na estrada, além de ter eles como parceiros de trabalho, são amigos também. A gente que às vezes vê mais os músicos que trabalham com a gente do que a própria família. Então eles são essenciais para a gente realizar o show.</p>	
<p>C0319</p> <p>Vídeo entrada de Anápolis</p>	<p>Música (som de carro)</p> <p>00:08:06</p>	<p>03:30 –03:38</p>
<p>Entrevista Lucas Ramos</p> <p>Lettering: Lucas Ramos/ Guitarrista/ Violonista</p> <p>C0322 (V1)</p> <p>Corte p imagem de apoio</p> <p>IMG 321 (V2)</p>	<p>Lucas Ramos: Meu interesse pela música começou quando eu tinha 13 anos de idade por conta de uma paixãozinha de Infância e quis aprender a tocar violão para querer conquistar a gatinha deu muito certo no começo, mas não deu muito certo no final. Quem me ensinou violão 2 anos de aula com professor Zetti no projeto social na minha cidade que é Palmelo e dividi a minha infância entre futebol e música, até que eu tive que escolher um dos dois. (V1: 1'31-1'36 – V2: 00:28)</p>	<p>03:39 - 04:04</p>
<p>Entrevista Jeimes Andrade</p> <p>Lettering: Jeimes Andrade/ Percussionista</p> <p>C0048</p>	<p>Jeimes Andrade: Como eu já tive experiência de músico na família, minha irmã é guitarrista// violonista e eu costumava ir aos ensaios da banda de pagode, matava muita aula na época. Mas enfim primeiro</p>	<p>04:05– 04:35</p>

	<p>instrumento foi o pandeiro aí vem apresentando as congas, chimal e depois vários tambores para acrescentar esse leque de percussão são vários instrumentos, uma coisa bem universal, mas desde criancinha, desde o ventre da barriga da minha mãe que eu já escuto e com o passar do tempo fui desenvolvendo</p>	
<p>Entrevista Danyllo Dias</p> <p>Lettering: Danyllo Dias/ Baterista</p> <p>C0002</p>	<p>Danyllo Dias: Meu interesse, ele surgiu na música a partir do meu pai, meu pai, ele é músico, músico multi-instrumentista autodidata, sempre via ele tocando aprendendo desde criança. E aí veio o meu incentivo, né? Meu incentivo principal é ter um músico em casa é meu pai, então ele foi o meu incentivo foi a primeira pessoa que eu olhei e falei quero ser músico foi o meu pai. Comecei a tocar na igreja, meu pai é professor de música e me ensinou tudo que eu sei.</p>	<p>04:36 -05:04</p>
<p>Entrevista Mateus Gonzaga</p> <p>Lettering: Mateus Gonzaga/ Diretor musical/ Guitarrista/ Violonista</p> <p>C0041</p>	<p>Então assim, aquilo foi me motivando sabe? Criando uma afinidade com a música, né? Só que meu pai ele tocava trompete, eu vim me interessar por guitarra//violão um instrumento que eu toco de ofício, por gostar muito de rock, né? Estilos</p>	<p>05:05 – 05:25</p>

	que a guitarra é muito presente. (00:34:14 – 00:52:20)	
Entrevista Lucas Ramos C0322	Lucas: aos 16 anos eu comecei a fazer show, show de barzinho ali na minha região mesmo, Caldas Novas, Pires do Rio, Orizona, Palmelo com a dupla chamada Derick e Eduardo. Ali com eles eu aprendi muito, foi quando eu fiz uns dois anos de show de estrada com eles, barzinho e com 17 anos, recebi um convite de um cantor de Goiânia chamado Santorini onde eu ingressei por 11 meses trabalhando com ele já começando a viajar pelo Brasil.	05:26 – 05:55
Entrevista Mateus Gonzaga C0041	Então desde criança eu via aquilo e ficava fascinado, sabe? Pela magia do palco, né? A música em si.	05:56 – 06:07
Lucas Ramos C0322 Montagem polaroid Thiago Brava " PH e Michel " Murilo Huff Sobe som vídeo Murilo Huff	E aos 18 anos, recebi o convite do artista Thiago Brava onde eu ingressei por mais ou menos uns 3 anos e 8 meses, fiz bastante shows fazia em média de 15 a 20 shows por mês, fiz duas turnês internacionais, vários programas de TV, foi quando eu comecei a conhecer o mundo externo pela música, bem gratificante. Depois do Thiago em 2016 que eu saí, em 2017 entrei na banda chamada	06:08 – 07:09

	<p>grupo Tróia. Que era Hugo Henrique, PH e Michel que onde posteriormente eu trabalhei por mais 4 anos e depois desses 4 anos com PH e Michel, recebi o convite do artista Murilo Huff onde eu já ingresso a banda hoje por quase três anos já.</p>	
<p>Entrevista Mateus Gonzaga C0043 Montagem foto dupla</p>	<p>Mateus: E depois passou um tempo, quando eu já concluí o ensino médio e fui morar em Santa Cruz. E aí eu peguei e montei uma dupla para o meu primo, né? A gente chamava Sávio Lucas e Mateus nessa época a gente tocava vários lugares da região, bares, shows. E aí, essa dupla ela teve fim em 2020, que foi quando chegou a pandemia.</p>	<p>07:10 - 07:40</p>
<p>Lettering "Ritmos interrompidos"</p>	<p>Barulho teclado</p>	<p>07:41 - 07:44</p>
<p>Lucas Ramos C0324</p>	<p>Lucas: Dificuldade gigantesca que todo mundo que trabalha com música, com evento passou foi a pandemia que a gente foi os primeiros a parar de exercer a profissão e foi os últimos a voltarem, porque envolve bastante aglomeração e essa parte foi difícil. Para mim foi quando eu tinha acabado de mudar para Anápolis, tava em reforma da minha casa então o lado financeiro precisava</p>	<p>07:45 - 08:32</p>

	<p>estar bem porque que reforma não é fácil e foi bem na época que a gente não pôde trabalhar. E aí foi quando eu comecei a ter crise de ansiedade. Tive que fazer um tratamento com psiquiatra por conta da pandemia de não poder trabalhar e preocupar com as dívidas, porque elas não pararam e essa parte foi difícil.</p>	
<p>Mateus Gonzaga C0043 Montagem Mateus escola</p>	<p>Muitos músicos, inclusive sofreram problemas financeiros, por não poder viver da sua renda, né? Tiveram que procurar outros ofícios. E aí nessa época, além de eu ter minha dupla, eu trabalhava também na escola, na escola de Santa Cruz era professor de música lá, fiquei trabalhando lá por dois anos e meio.</p>	<p>08:33 - 08:55</p>
<p>Entrevista Danyllo Dias C0003</p>	<p>Danyllo: Na época eu trabalhava na indústria farmacêutica, eu sou farmacêutico de formação e eu trabalhava numa indústria farmacêutica na época, então não fui tão afetado que e continuei trabalhando. Mas eu tenho músicos amigos, que sofreram com essa parada, que foi necessário alguns sofreram psicologicamente outros financeiramente, outro os dois. Então assim para classe musical, não foi fácil, foi difícil e a gente está se levantando até hoje, com sucesso</p>	<p>08:56 - 09:22</p>

<p>Entrevista Jeimes</p> <p>C0049</p>	<p>Jeimes: Digamos que no auge chegou a pandemia, aí foi aquele baque. A minha sorte foi que eu tinha um dinheirinho guardado, dinheiro emprestado que eu recebi, mas em compensação, em contrapartida, foi a parte que eu mais estudei, mais foquei, mais ainda.</p>	<p>09:23 - 09:40</p>
<p>Entrevista Lucas Ramos</p> <p>C0324</p>	<p>Lucas: Mas graças a Deus logo a gente pode retomar os trabalhos e Deus dá oportunidade e a gente consegue dar a volta por cima e hoje graças a Deus está tudo bem consigo lidar muito bem com a ansiedade que eu acho que é amiga de muita gente, uma amiga indesejada.</p>	<p>09:41 - 09:58</p>
<p>Transição suave</p> <p>Vídeo de apoio</p> <p>C0021</p> <p>Show mostrando Mateus e Jeimes</p>	<p>Áudio Original</p>	<p>09:59 - 10:15</p>
<p>Mateus Gonzaga</p> <p>C0043</p>	<p>E praticamente ali no fim da pandemia. Se não só me engano 2022 por aí 21/22 mais ou menos isso, eu tive meu contrato cancelado pelo governo, chegou ao fim e nisso eu comecei a fazer freelancer. Comecei a fazer freelancer, mas durante esses freelancer também, eu</p>	<p>10:16 - 11:02</p>

	<p>formei em Direito, né? Sou bacharel em direito também, fiz estágio no fórum. E aí eu peguei e fui fazer freelance também porque eu nunca deixei de lado esse lado da música mesmo sendo formado em direito.</p>	
<p>Vídeo de apoio C0032 Ensaio focando no Mateus e Danyllo</p>	<p>Áudio original</p>	<p>11:03 - 11:18</p>
<p>Lettering Saudade em cada nota</p>	<p>Barulho de teclado</p>	<p>11:19 - 11:24</p>
<p>Entrevista Danyllo C0003</p>	<p>Danyllo: Família é família em qualquer lugar que a gente esteja fazendo, sempre ficar longe da família, não é legal e no nosso trabalho não seria diferente. Às vezes a gente passa semanas e até meses longe de casa e é um sentimento, né? Não muito legal a gente sente saudade. A gente sente falta, mas trabalho está aí né? São ossos do ofício. A gente leva isso da melhor forma possível.</p>	<p>11:25 - 11:51</p>
<p>Entrevista Lucas Ramos C0324</p>	<p>Lucas: Acho que a maior dificuldade que a gente enfrenta é ficar longe das pessoas que a gente gosta, ficar longe da rotina que a gente gosta, de dormir na cama da gente que é uma das melhores coisas do mundo e antes de eu sair do Thiago Brava eu decidi sair porque eu estava com meu mental bem cansado e para</p>	<p>11:52 - 12:27</p>

	<p>quem trabalha com música o mental não estar bem, significa que o corpo não vai funcionar para você ter uma entrega. A gente trabalha com música, a gente trabalha com sentimentos e a entrega tem que ser total.</p>	
<p>Entrevista Jeimes</p> <p>C0054</p>	<p>Jeimes: Hoje resido em Goiânia e para mim é muito difícil, principalmente no começo. Como minha família é da Bahia, foi muito difícil, viajar, ficar esse tempo todo fora da família.</p>	<p>12:28 - 12:42</p>
<p>Entrevista Lucas Ramos</p> <p>C0324</p> <p>Foto Lucas com avô</p>	<p>eu sempre morei com meu avô que foi o meu maior incentivador, desde pequeno. Deu meu primeiro violão que me ajudou que sempre me apoiou. Aí assim que eu decidi sair da banda, morava só nós dois, eu fiquei um ano em casa sem viajar só descansando fazia show na região ali, mas sempre em casa e foi o último ano que eu tive na companhia dele, que ele faleceu em 2017 e das melhores decisões que eu tomei que eu costumo dizer foi ter saído da banda nessa época para eu poder passar esse tempo com ele, porque se eu tivesse na estrada, certamente eu não estaria no dia que ele faleceu.</p>	<p>12:43 13:24</p>
<p>Lettering</p>	<p>Barulho de teclado</p>	<p>13:25 - 13:28</p>

Entre notas e risos		
Entrevista Lucas Ramos Lettering Violonista C0324	Foi isso um pouco difícil, só no final da minha escola quando eu tava terminando o terceiro ano teve um fato engraçado que em setembro a professora fui na escola na sexta-feira, foi a primeira sexta-feira que eu fui na escola foi em setembro por conta do Shows. Eu quase não podia ir. Daí ela falou que não me conhecia que só via meu nome na lista, falei para a professora que era porque eu trabalho viajando, já tava viajando com Santorini na época, terminei meu ano letivo com 297 faltas, mas consegui .	13:29 - 13:58
Entrevista Mateus Lettering Violonista e diretor musical C0044	Mateus: Eu nunca tinha andado de avião, né? E aí, eu peguei a gente tinha um show aí, nesse show a gente teve que pegar umas aéreas e nisso a gente quando entrou no avião, eu lembro que os meninos até ficaram fazendo graça, né? Achando que eu estava morrendo de medo e não estava, tô brincando, tava sim. Inclusive senti os efeitos colaterais, né? Problema de labirintite que eu tenho e é custoso.	13:59 - 14:29
Entrevista Danyllo Lettering Baterista C0004	Danyllo: Teve uma situação muito engraçada que eu já passei na minha trajetória musical. Eu tava acompanhando um artista e ele	14:30 - 15:02

	<p>fechou um show comigo e falou no caminho indo para o show, falando que o lugar é inusitado, pensei em várias coisas, mas não tinha chegado a uma conclusão. Cheguei lá era um curral o curral não tava nem arrumado direito, mas ele tinha umas cadeiras mesas, o som tava montado. Dentro de um curral. Na hora que eu cheguei, eu olhei e falei o que é isso? Mas foi muito legal a experiência, bem atípica.</p>	
<p>Entrevista Jeimes</p> <p>Lettering Percussionista C0051</p>	<p>Jeimes: Um momento engraçado assim que marcou a minha vida, foi como comecei a tocar muito cedo, eu lembro que, eu não tenho costume de beber, nunca tive e nessa época então, né? Por ser menor, menos ainda. Eu tava tocando no trio elétrico e nessa noite estava muito frio à noite aí um amigo meu que era músico soltou: Jeimes por que você não toma um conhaquezinho? Toma só uma dozezinha, só para esquentar e eu disse: Tranquilo. Rapaz, eu fiz experimentar essa dose, né? Dozezinha de baiano, você sabe né? 2 dedos, só que eu virei com tudo o conhaque ao invés de descer foi direto para o cérebro. Eu lembro que eu olhava os instrumentos via tudo lá embaixo, tentando tocar com a baqueta, baqueta quebrava, voando tudo para o lado e começando a suar</p>	<p>15:03 - 15:54</p>

	e suar frio, rapaz, pensa num momento tenso e o trio elétrico andando naquela altura e eu de menor. Pensa numa vergonha.	
Entrevista Lucas Ramos C0323 IMG 323 Cortar para close up "Sem pensar em nada" Trocar para 0323 "porque eu nunca imaginei". Inserir alguns comentários Inserir print do Instagram Colocar o vídeo viral	Lucas: Um momento engraçado e até marcante na minha carreira musical é até recente que a gente fez uma brincadeira eu e o fotógrafo da banda deu olhar para câmera. Aí depois de um tempo, uns dois, três meses, ele me mandou esse vídeo postei ele sem pensar em nada sem nem imaginar, no meu TikTok e esse vídeo acabou que viralizou com o olhar 43. Tem média de 4 milhões de visualizações no TikTok. Aí um monte de página sertaneja ficou postando no Instagram, os comentários do olhar 43 do violinista do Murilo Huff. Esse foi e está sendo, está repercutindo bastante ainda, até postei mais outros vídeos depois. Isso rendeu uma média de 102.000 seguidores a mais no Instagram um monte de seguidor no TikTok.	15:55 - 17:17
Lettering Lembranças que tocam a alma	Barulho de teclado	17:18 - 17:22
Entrevista Jeimes C0050 Colocar vídeo com GL	Jeimes: Um dos marcantes no lado profissional foi quando recebi o convite para tocar no Carnaval de Salvador, da minha cidade, da minha terrinha com Gusttavo Lima, fui	17:23 - 17:54

	chamado pelo produtor musical que era o Daniel Silveira. Aí foi um momento que eu fiquei nossa em êxtase.	
Entrevista Danyllo C0004 Foto no DVD	Danyllo: Com PH e Michel, eu tive um momento muito especial, que foi a gravação do DVD Pra Tomar todas, fizemos a gravação ali no Deck Mambo, no Marista. Foi um DVD muito especial para mim, né? Além de ter um carinho pela dupla, pelo projeto, foi uma realização pessoal. Então foi um momento ali que foi muito especial para mim.	17:55 - 18:16
Entrevista Mateus C0045 Foto no DVD Vídeo carro de som	Mateus: Um momento muito marcante aqui que eu tive com os meninos foi assim no lançamento deles, né? O DVD também que eu gravei com eles, nunca tinha gravado DVD grande, com uma dupla grande, eu gravei esse DVD com eles e outro momento muito bacana, é que quando eles lançaram a música, que eles estão trabalhando ela inclusive, Toca a Chorosa. Eles tiveram uma brilhante ideia de alugar um carro de som, aqueles carros de som que geralmente se usa em campanhas eleitorais. E aí eles arrumaram também um Fofão, o Fofão e um Chaves aqueles dançarinos. Eu não	18:17- 19:37

	<p>sei como se menciona aquele tipo de dançarino, mas é da carreta furacão. E aí, eles passaram por Goiânia inteira ali divulgando a música deles, cantando a música nesse caminhão e foi uma diversão em cima desse caminhão, né? Porque a gente ria ali ao mesmo tempo, contava as histórias, tirava sarro, né? Do momento ali, então foi algo bem bacana com os meninos.</p>	
<p>Entrevista Mateus</p> <p>C0043</p> <p>Cortar para</p> <p>C0044</p>	<p>Mateus: Hoje eu faço, eu tenho o ofício aqui de diretor musical. Diretor musical para quem não sabe é quem cuida da parte dos VS durante o show, quem coordena a banda, né? Quando eu entrei eu era só o guitarrista, tocava apenas guitarra, tinha um baterista aqui que era o diretor aí quando ele saiu, ele passou essa função para mim. Eu estou aí desde então.</p>	<p>19:38 - 20:02</p>
<p>Entrevista Lucas</p> <p>C0325</p>	<p>Lucas: O alcance do Murilo, ele é a nível Nacional, então é a visibilidade para ele é maior e para a gente acaba sendo também. Mais gente passa a acompanhar o trabalho da gente, mais shows, programas de TV, viagens internacionais. E isso tem proporcionado para mim pessoalmente, experiências, que estou adorando reconhecimento do público também nos shows com a</p>	<p>20:03 - 20:40</p>

	gente, fã clubes levam presentes, tem um carinho especial e a gente procura sempre tratar todo mundo muito bem.	
Lettering Notas Imortais	Barulho teclado	20:40 - 20:43
Entrevista Lucas C0325 Foto Lucas e Pedro	Um dos melhores amigos que eu tive no profissional e no pessoal foi o Pedro Massiole que eu tenho ele como irmão até hoje que acho que quando a gente ama as pessoas elas nunca se vão. A perda dele foi para mim uma das maiores tristezas da minha vida. Eu não perdi só um amigo, não perdi só um companheiro de trabalho, perdi o meu irmão de verdade que eu já tinha a gente trabalhou junto no PH e Michel por volta de dois/ três anos e mesmo depois de ter saído de lá, a gente sempre manteve contato a gente sempre manteve mensagens, ligações era um cara bem extrovertido. Eu aprendi muito com ele sobre vida, sobre música. Pedro era um cara que foi sensacional e deixou muitas saudades na vida de quem passou.	20:44 - 21:31
Vídeo Pedro Massiole com filtro verde ressaltando uma lembrança Lettering Em memória de Pedro	Áudio Original	21:32 – 21:55

Massiole		
FADE OUT Chiado TV Vídeos dos erros de gravação	Áudios originais	21:56 -22:49
Créditos com vídeos de apoio ao fundo	BG instrumental Risca Faca Toque/ DJ Um Lambadão (Pot-pourri)	22:50 - 23:32